

Examina-se o caso Isabella a partir de um corpus específico de material jornalístico que são as colunas publicadas nos jornais: Diário Gaúcho, Zero Hora, Folha de São Paulo, Estadão e nas Revistas Isto É, Veja e Época no período de 02 de abril a 21 de maio de 2008.

Partimos da pergunta: Qual é a natureza do caso nomeado, morte de Isabella, por parte das colunas, para falar deste acontecimento? Replicam as colunas, os noticiários jornalísticos? Desenvolvem um “modo de dizer”, por exemplo, tomando como empréstimo falas, não jornalísticas, de outros campos sociais, a partir de ângulos que alimentam o noticiário e a construção jornalística? O que diferencia as colunas da narrativa informativa nesse caso?

Este exame leva em conta, segundo a qual as colunas se caracterizam como um espaço de enunciação que se valoriza um “modo de dizer” diferente do foco discursivo da construção do noticiário propriamente dito. Apesar de inserido no âmbito da rotina do jornal e da revista, tratando a coluna de um espaço específico constituindo-se certamente em um lugar de falar que a distingue do texto da reportagem. Questiona-se, no entanto: De que lugar fala as colunas? Como apresentam o caso Isabella? Que tipos de linguagem são usados? Qual a nomeação que o caso tem para cada uma delas, aqui estudadas? Quem são os colunistas, profissionais do jornalismo inseridos na cotidianidade do jornal ou peritos de outros campos sociais, que ali comparecem na qualidade de especialistas convidados? O que cada colunista deseja do leitor? Quem é Isabella para cada um deles? Em síntese que espaço é esse onde o caso apresenta uma especificidade, na medida em que é enunciador que revela a sua “cara” e o seu ponto de vista? Guardaria a ação das colunas diferenças da enunciação informativa ou é o complemento dela?